

APRESENTAÇÃO

O número 27/28 de Línguas e Instrumentos Linguísticos traz um conjunto de artigos que nos permitem refletir sobre o modo de constituição das teorias sobre a linguagem, como também sobre os diferentes modos de interrogar a história das teorias.

O artigo de Lauro Baldini, “Frege e Russel: a questão do pressuposto”, nos conduz a pensar no modo como as teorias semânticas se constituem no século XX a partir de posições sobre o tratamento do sentido na linguagem configuradas em discussões filosóficas que tiveram lugar entre o final do século XIX e o início do século XX. Baldini reflete especificamente sobre o conceito de *pressuposto* em dois filósofos que instauram sua discussão: Gottlob Frege e Bertrand Russel.

“Enunciado e sentido em Michel Foucault”, de André Joanilho e Mariângela Galli Joanilho, percorre o conjunto de formulações de Michel Foucault sobre o *enunciado* na sua *Arqueologia do Saber*. Estas formulações são retomadas de diferentes modos nos estudos do texto e do discurso, seja no interior da linguística, seja no diálogo com esta disciplina. A abordagem dos autores permite refletir sobre o modo como o enunciado – objeto de linguagem – é tratado em um autor do século XX exterior à Linguística cujo trabalho produz efeitos sobre a disciplina.

O artigo de Morgana Cambrussi e Eric Ferreira, “A quebra da dicotomia anterioridade/posterioridade da linguagem em relação ao pensamento: a visão holística de Wilhelm von Humboldt” nos leva ao início do século XVIII, para observar um olhar sobre a relação entre a linguagem e o pensamento que os autores defendem que foi esquecido na Linguística pós-saussureana. Humboldt, segundo Cambrussi e Ferreira, não projeta a dicotomia anterioridade/posterioridade sobre o par linguagem/pensamento, ao contrário do que acontece ao longo do século XX na Linguística.

Eduardo Penhavel, em “O funcionamento de marcadores discursivos no processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos”, realiza um gesto de intervenção teórico-metodológica: ele propõe uma categoria de análise de textos no âmbito da Gramática Textual-Interativa: o *domínio de estruturação intratópica*, cujo funcionamento se dá, defende, em relação a marcadores discursivos.

Em “Construir la identidad: el *ethos* del orador”, Romina Grana analisa expedientes judiciários do século XVII, da intendência argentina de Córdoba Del Tucumán. Ela observa o modo de construção do *ethos* do orador neste expediente jurídico, estendendo as características encontradas ao gênero discursivo, que, segundo a autora, molda a construção do *ethos*.

Patrícia Bouzas, em “Delicias de la vida globalizada. multimedialidad e itinerancia para la lengua galega”, analisa um gesto no interior de uma política lingüística: a exposição multimídia itinerante *As nosas palabras, os nosos mundos*, lançada pelo governo da Galícia em 2008. Neste evento, a autora analisa os efeitos de sentido da globalização sobre uma língua minoritária como o galego.

Em “Publicidade e Propaganda: o jogo de sentidos na configuração da área no Brasil”, Guilherme Carrozza analisa a constituição Publicidade no Brasil como área técnica, artística e de trabalho e também como campo de saber, na relação com a área da Propaganda.

Na Seção *Crônicas e Controvérsias*, Angela Baalbaki e Isabel Cristina Rodrigues apresentam o texto “Meio legal de comunicação versus língua oficial: um debate sobre leis”, em que analisam uma lei e um decreto que juntos fazem reconhecer a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais – como “meio legal de comunicação e expressão” de comunidades surdas no Brasil. As autoras sustentam que o reconhecimento da LIBRAS não se dá como o de uma língua de Estado e, a partir disso, se perguntam o que significa a LIBRAS face à língua nacional e que sentidos são a ela atribuídos.

Na Seção *Resenha*, duas obras são analisadas. A primeira é sobre a coletânea brasileira *Linguagem, tecnologia e educação*, organizada por Ana Elisa Ribeiro; Ana Maria Nápoles Vilela, Jerônimo Coura-Sobrinho e Rogério Barbosa da Silva. A presença das novas tecnologias na educação e as questões de linguagem que se põem nesta relação são discutidas sob diferentes pontos de vista nesta coletânea. As resenhistas Érica Cristina dos Santos, Liliane de Oliveira Neves e Simone Cristina Menezes nos apresentam cada um dos textos que se inscrevem no que se tem chamado de “letramento digital”.

A segunda resenha é de uma obra francesa introdutória à Filosofia da Linguagem, disciplina que dá título ao livro. Isadora Machado nos introduz à obra de Sylvain Auroux interrogando a premissa de que parte o autor, a de que “o homem se define pela linguagem e pela razão, o que significa que, sem linguagem, não haveria racionalidade”. Esta premissa, ainda que longe de ser consenso entre os filósofos que se dedicam à linguagem, está bastante presente tanto na fala de filósofos quanto na fala de linguistas e produz efeitos sobre o modo de relação das duas disciplinas.

Com este conjunto de textos que propõem leituras densas sobre conceitos, construtos, pressupostos e aplicações teóricas, *Línguas e Instrumentos Linguísticos* oferece mais uma vez sua contribuição a uma leitura que sai do ordinário e procura abrir brechas na linearidade das reflexões sobre a linguagem.

Os Editores